

A construção social do gênero e o rompimento do caráter assexuado das relações de trabalho

Autor: Marcelo Rodrigues Lemos¹
Co-autora: Eliane Schmaltz Ferreira²

Palavras-chave: gênero, problemática, trabalho

Resumo expandido:

Introdução

As relações de trabalho se destacam como categoria interpretativa importante, em análises acerca de diferentes perspectivas que se centram no processo de trabalho, nos trabalhadores, em formas de tecnologia que dinamizam a produção, nas condições históricas e estruturais que configuram a exploração do trabalhador. Já os estudos que utilizam a categoria gênero iniciaram na academia brasileira de forma recente, a partir da década de setenta, com influência decisiva do Movimento Feminista. Assim, a imbricação dessas categorias revela um terreno fértil para análises nas diversas áreas das Ciências Sociais.

Por meio de um resgate histórico, percebe-se que à elaboração do conceito de gênero foi necessário inicialmente dar visibilidade à construção histórica e cultural do chamado “sexo social” (gênero). Desconsiderando o fatalismo e do naturalismo, os quais remetiam as representações da mulher às perspectivas inferiores orientadas por questões biologizantes. (HIRATA & KERGOAT, 1999).

Helena Hirata e Daniele Kergoat (1999) consideram as relações sociais de classe e sexo como relações fundamentais presentes na estruturação da sociedade. Dessa forma, refletir sobre as temáticas gênero e trabalho justifica-se, uma vez que a categoria trabalho, bem como as relações de gênero, pensadas de maneira relacional, “entram em qualquer aspecto da experiência humana, sendo elementos constitutivos dela” (FLAX, 1991:220), edificando relações sociais.

Portanto, o objetivo deste ensaio é revisar as contribuições teóricas das autoras Elizabeth Souza-Lobo, Magda de Almeida Neves e Helena Hirata; tecendo reflexões referentes à desconstrução do caráter assexuado das relações de trabalho. A elaboração criteriosa de conhecimentos relativos à divisão sexual do trabalho, com avanços na problematização dos estudos acadêmicos destinados à temática, permite que relações concretas de desigualdade, opressão e discriminação da força de trabalho feminina sejam reveladas e, em certa medida, superadas. Ao articular teoricamente as categorias analíticas gênero e trabalho, delimitou-se as décadas de setenta, oitenta e noventa para o balanço crítico sobre os estudos brasileiros de Sociologia do Trabalho.

Conceituando gênero e trabalho

Chama-se atenção, aqui, para o conceito desenvolvido por Jane Flax (1991). Sabe-se que as relações de gênero implicam em relações variadas e simultaneamente relacionadas entre homens e mulheres frente aos diferentes aspectos da vida social, dentre eles o trabalho. Como aponta Jane Flax: “na perspectiva das relações sociais, homens e mulheres são ambos prisioneiros do gênero, embora de modos altamente diferenciados mas inter-relacionados.” (FLAX, 1991:229). Assim, a inter-relação entre

¹ Marcelo Rodrigues Lemos é mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia. Aluno bolsista CAPES. E-mail para contato: marcelo.lemos@hotmail.com.

² Eliane Schmaltz Ferreira é doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e professora adjunta IV do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

homens e mulheres sob a perspectiva de gênero conduz a relações sociais relacionais e articuladas entre si.

As relações de gênero designam um núcleo complexo de relações sociais e um conjunto mútuo de processos históricos e sociais variáveis. O gênero como categoria analítica e processo social é relacional. As relações de gênero são processos complexos e instáveis formados de partes inter-relacionadas e inter-dependentes. Estabelecem, também, capacidades humanas diferenciadas e assimétricas. Por meio das relações de gênero, dois tipos de pessoas são forjados: o homem e a mulher; os quais são apresentados como excludentes. Além de que épocas e culturas são responsáveis por alterar o conteúdo e a rigidez das categorias homem e mulher. De modo geral, as relações de gênero têm sido definidas como relações de dominação e (precariedade) controladas por um de seus aspectos inter-relacionados: o homem. (FLAX, 1991:228).

O conceito de trabalho indica que é por meio de tal atividade que os seres humanos satisfazem suas necessidades e também concedem forma e sentido ao mundo concreto (MOREIRA, 1998). Em um sentido ampliado, trabalho “é o esforço humano dotado de um propósito [que] envolve a transformação da natureza através do dispêndio de capacidades mentais e físicas.” (OUTHWAITE & BOTTOMORE, 1996:773).

Metodologia

Os passos metodológicos utilizados foram construídos mediante um levantamento bibliográfico das interpretações sobre gênero e trabalho realizados no Brasil nas décadas de setenta a noventa. A partir disso, houve a seleção das autoras por suas contribuições nos estudos sobre a temática, dentre elas as destacadas foram: Elisabeth Souza-Lobo, Magda de Almeida Neves e Helena Hirata. Uma vez escolhidas as autoras representantes de cada década, uma nova seleção se voltou para seus textos, para a realização de um estudo comparativo entre a elaboração de problemáticas teóricas sobre a articulação gênero e trabalho.

Discussão e resultados

Ao abordar o trabalho articulado à categoria gênero, o interesse é trazer à cena os sujeitos: homens e mulheres nos espaços produtivo e reprodutivo, pois

o trabalho, como ato primeiro do homem sobre o seu meio, é uma atividade que não se faz de qualquer forma, ela sugere uma ordem, uma duração, tem suas normas e se realiza dentro de um espaço que se concretiza pelas interações e relações com as pessoas. É nesta “coreografia” que os sujeitos inscrevem sua presença no mundo e suas relações com os outros. (MOREIRA, 1998:42).

Neste estudo se realiza um exame da articulação gênero e trabalho na produção bibliográfica brasileira, nos anos setenta, oitenta e noventa. A análise apontou que o final dos anos setenta e início dos anos oitenta foi marcado pelo processo de intensificação da industrialização brasileira, com o concomitante processo de exclusão da força de trabalho das mulheres nos segmentos econômicos mais modernos; restringindo a atuação delas ao setor de serviços menos qualificados. Nos anos noventa se observou um refinamento no conceito de trabalho, o qual passou a incorporar atividades não remuneradas desenvolvidas primordialmente por mulheres em domicílios.

Considerações finais

Acredita-se que todas as análises apresentadas neste ensaio colaboram para o processo que busca dar visibilidade ao trabalho das mulheres, bem como para o rompimento do caráter assexuado das relações sociais. Com isso, foram realizadas reflexões referentes ao trabalho de homens e mulheres e sobre o lugar ocupado por eles

ante o processo produtivo fora de concepções simplificadas e fatores naturalizantes que desconsideram os fatores sociais e históricos envolvido. Desafio que Souza-Lobo, Magda Neves e Helena Hirata procuram/procuraram enfrentar com o uso da categoria gênero nos estudos de Sociologia do Trabalho.

Referências Bibliográficas

FLAX, Jane. (1987) Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.217-250.

HIRATA, Helena & KERGOAT, Daniele. A classe operária tem dois sexos. In: *Revista Estudos Feministas*. IFCS/UFRJ, CFH/UFSC. 1999, vol. 7, pp. 93-100.

HIRATA, Helena. Flexibilidade, trabalho e gênero. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Orgs.). *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Senac, 2007 – (Série Trabalho e Sociedade).

_____. Globalização e divisão sexual do trabalho. In: *Cadernos Pagu*, IFCH/UNICAMP, nº.17/18: Desafios da equidade. 2001/02.

_____. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

_____. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. In: *Revista Latino-americana de estudos do trabalho*. Ano 3, n.6, 1997.

_____. Vida reprodutiva e produção: família e empresa no Japão. In: KARTCHEVSKY, Andrée ... et al. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MOREIRA, Eliana Monteiro. A regência do afetivo: laços familiares e reprodutivos. In: ABRAMO, Laís e ABREU, Alice Rangel de Paiva (Orgs.). *Gênero e trabalho na sociologia latino-americana*. São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

NEVES, Magda de Almeida. Divisão sexual do trabalho e relações de gênero: anotações em torno do tema. In: *XII Encontro Anual da ANPOCS*. Águas de São Pedro. 1988.

_____. Relações de gênero e práticas sindicais. In: *XIV Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu. 1990.

_____. Relações de gênero e sindicalismo. In: *VIII Encontro ABEP*. 1992.

_____. Relação de gênero nos espaços públicos e privados: a experiência das trabalhadoras na CUT. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*. v. 10, n. 1/2, jan./dez. 1993.

OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. O Trabalho como Linguagem: o Gênero do Trabalho. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____; HUMPHREY, John; GITAHY, Leda; MOYSÉS, Rosa. A “prática invisível” das operárias. In: KARTCHEVSKY, Andrée ... et al. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.